Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

VOLUMES 27/28 *1984/1985*

Revista de Antropologia

SUMÁRIO

LUX VIDAL: O I Encontro Tupi — uma apresentação 1
EDUARDO B. V. DE CASTRO: Bibliografia etnológica básica tupi-guarani 7
ROQUE DE BARROS LARAIA: Uma etno-história Tupi 25
ARYON D. RODRIGUES: Relações internas na família lingüística tupi-guarani 33
EDUARDO B. V. DE CASTRO: Os deuses canibais 55
REGINA A. POLO MÜLLER: Asurini do Xingu 91
LUCIA M. M. DE ANDRADE: Xamanismo e cosmologia Asurini. 115
ELIZABETH T. LINS: Música e xamanismo entre os Kayabi do Parque do Xingu 127
RAFAEL J. DE M. BASTOS: O "payemeramaraka" Kamayurá — uma contribuição à etnografia do xamanismo do alto Xingu.. 139
DOMINIQUE GALLOIS: O pajé waiãpi e seus espelhos 179
LUX VIDAL: Os Parakanã 197
BETTY MINDLIN: Os Surui da Rondônia: entre a floresta e a colheita 203
CARMEN JUNQUEIRA: Os Cinta Larga 213
ETIENNE SAMAIN: Reflexões críticas sobre o tratamento dos mitos.. 233
ETIENNE SAMAIN: A vontade de ser: notas sobre os índios Urubu-Kaapor e sua mitologia 245
ENI P. ORLANDI: Mito e discurso: observações ao pé da página.. 263
MIGUEL MENÉNDEZ: Contribuição ao estudo das relações tribais na área Tapajós-Madeira 271
ANDRÉ A. DE TORAL: Os índios negros ou os Carijó de Goiás: a história dos Avá-Canoeiro.. 287
EXPEDITO ARNAUD: O direito indígena e a ocupação territorial — o caso dos índios Tembé do alto Guamá (Pará) 327
EDSON SOARES DINIZ: Os Tenetehara-Guajajara — convívio e contaminação 343
BERTA G. RIBEIRO: Tecelãs tupi do Xingu 355
EDUARDO B. V. de CASTRO: Proposta para um II Encontro Tupi 403

COMUNICAÇÕES 409
NOTICIÁRIO 439
IN MEMORIAM 445
BIBLIOGRAFIA 453

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ISSN 0034 - 7701

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

OS SURUÍ DA RONDÔNIA: ENTRE A FLORESTA E A COLHEITA

Betty Mindlin
(Fundação do Instituto de Pesquisas Econômicas, Universidade de São Paulo)

Os Suruí da Rondônia (não confundir com os do Pará) são um grupo de mais de 300 índios, conservando ainda uma vida arcaica em plena floresta amazônica, embora cercados por um capitalismo desenfreado. Até 1968 os guerreiros Suruí viviam no mato, sem outro contato com os brancos que não os massacres que sofriam ou os ataques a seringueiros da região. Uma expedição de contato dirigida por Francisco e Apoena Meirelles, sertanistas da Funai, afirmou com eles a paz por essa época.

A população Suruí por ocasião do contato foi calculada em torno de 500 a 600 pepssoas. Até 1974, cerca de metade morreu de sarampo e gripe, principalmente. Um levantamento feito pelos linguistas William e Carolyn Bontkes identificava em 1974, 363 pessoas, das quais 193 tinham morrido nos dois ou três anos anteriores.

Hoje os Suruí ocupam uma área de 220.000 hectares, parte do Parque Indígena do Aripuanã e vivem em duas aldeias, o Sete de Setembro e a Linha 14, ambas a aproximadamente 50 km de Cacoal, na rodovia Cuiabá - Porto Velho e distantes entre si cerca de 10 km. Os Suruí compreendem hoje 2 grupos patrilineares, os Gamep e o Gamir, e restos de um terceiro, os Makor.

Revista de Antropologia, (27/28), 1984/85.

A vida tribal dos Suruí é um contraste gritante com o Brasil que os rodeia. Pois a Rondônia, ainda terra de ninguém e densa mata até os anos 60, é hoje uma das áreas com maior índice de imigração do Brasil, com uma população que cresce a uma taxa aproximada de 15 % ao ano. Em 1970 a população da Rondônia era de 100.000 pessoas, em 1976 de 350.000, em 1978 de 518.900 e a estimativa para 1985 é de 1.122.800. Para aí se dirigem desempregados de todo o país, migrantes e aventureiros em busca de terras e de ascensão social. É na Rondônia que o governo brasileiro tem grande parte dos projetos de colonização, destinados a implantar a pequena propriedade e a amenizar as tensões sociais e o problema de desemprego no país. Em 1982, os dados oficiais mencionam o objetivo de assentar de 13 a 15 mil famílias, ao mesmo tempo que existem 18 mil inscritos e a perspectiva de imigração de mais 12 mil famílias sem terra na Rondônia. Apesar da política de colonização a estrutura fundiária é concentrada, com ocupação de terras por grandes empresas, com exploração de minérios (ouro e cassiterita), serrarias e companhias madeireiras. Nesse *far-west* de luta pela terra, símbolo e exemplo dos grandes conflitos de classe, da desigualdade econômica e concentração de renda brasileiros, os Suruí levam sua vida ligada à natureza, ao mundo mítico, à morte, à música. Ao lado de suas roças, onde as mulheres comentam a presença dos espíritos dos mortos enquanto colhem tubérculos, ouve-se a moto-serra dos colonos devastando a mata.

A VIDA TRIBAL

A vida econômica dos Suruí ainda mantém muito das características tribais. A atividade central é a agricultura, embora vivam também de caça, pesca e coleta.

A agricultura é de queimada, cortando-se todos os anos novos pedaços de mata. As roças são conservadas durante 2 ou 3 anos e depois abandonadas. O trabalho ainda é organizado com base nas regras de parentesco, havendo uma teia complexa de cooperação que determina o acesso à terra e aos recursos, bem como as obrigações de trabalho e distribuição do produto. O núcleo básico de cooperação no trabalho é o grupo de irmãos biológicos ou classificatórios.

As regras de residência e casamento ainda são bastante obedecidas e ligam-se intimamente à organização do trabalho. Na aldeia do Sete, a maior, cerca de 2/3 da população ainda vive em malocas tradicionais. Na Linha 14, quase a metade da população mora numa única maloca. Os Suruí são polígínicos e o casamento preferencial é o de um homem com

a filha da irmã, sendo também possível o casamento entre primos cruzados. A regra de residência é matrilocal e quando o homem se casa deve ir morar com o pai de sua mulher. Obedecido esse sistema o resultado, que ainda pode ser observado na maior parte das casas, é vermos numa mesma maloca (onde hoje em média vivem de 20 a 30 pessoas), 4 a 5 irmãos, classificatórios ou não, com suas mulheres e filhos. A depopulação sofrida pelos Suruí até 1974 e a imigração atual para a área Suruí de um número bastante grande de Cinta-Larga e alguns índios de outros grupos (ao todo cerca de 10% da população total) alteram, porém, o padrão.

Assim, além das malocas, há em torno do Posto da Funai uma série de pequenas casas de caboclo, de madeira, onde passam a viver famílias nucleares ou em virtude da atração dos brancos ou porque, dadas as muitas mortes, já não podem obedecer às regras e habitar as malocas.

Um traço curioso e importante da vida Suruí é a divisão da tribo em metades que se alternam a cada ano, uma mais ligada à roça e outra mais ligada ao mato. A divisão em metades parece ser dada por duas linhagens patrilineares Gamep, uma em cada metade, uma delas entrelaçada aos Gamir. Cada homem de uma metade tem um cunhado na outra: a divisão implica na troca de mulheres e de bens, na prestação e contra-prestação de serviços. A metade do mato, chamada "metare", instala-se durante toda a estação seca numa clareira na floresta, local proibido à visitação por parte da outra.

Aí são fabricados arcos, flechas, cerâmica, colares, objetos de algodão destinados a presentear os da outra metade. Esses, que são os da "comida", plantam roças maiores do que o normal e preparam a comida para uma grande festa, o Mapimaí, quando recebem os presentes do "metare", fornecendo em troca uma bebida tradicional. A festa Mapimaí é também um ritual de derrubada, pois a metade do mato é convocada por alguns chefes da "comida" para derrubar em certo dia a mata virgem para o novo plantio. Nesse dia só os do mato derrubam e os da olham, oferecem a bebida e, como anfitriões, apenas proporcionam a festa e não comem. Ligada à derrubada e à festa, há pouco depois uma caçada ritual.

A divisão em metades é também importante numa festa sagrada, o Hô-êi-ê-tê, destinada à cura de pessoas doentes e à invocação de fartura e saúde.

Essas festas tinham sido interrompidas há anos e foram retomadas em 1979, indicando um reerguimento da vida tribal.

As observações que fazemos aqui, não pretendem oferecer uma descrição da vida tribal, o que não seria possível num espaço tão exíguo, mas apenas indicar como ela ainda é densa e viva. A festa do Mapimaí, por exemplo, é um conjunto complexo ligando trabalho e festa, mato e agricultura, dança e derubada, com forte presença religiosa. Os inúmeros Hô-êi-ê-tê realizados nos últimos anos, com vários pajés, mostram a força presente da religião e do sagrado, fundamentais na vida da tribo, inclusive na produção. Da mesma forma, regras de alimentação, reclusão de pessoas por motivos variados (parto, luto, doença, menstruação) são ainda obedecidos com bastante rigidez. Os pajés continuam a ser figuras importantes na tribo, apesar das muitas doenças de brancos contra as quais não têm poder.

O CONTATO COM O CAPITALISMO E O PROBLEMA ATUAL DOS SURUÍ

O Problema de Terras

Até 1981, o grande problema Suruí era o da invasão de suas terras por cerca de 200 famílias de colonos, em extensão ao projeto Gi-Paraná de colonização do INCRA. Os Suruí tinham perdido grande parte de sua área antes de 1976, em virtude de invasões por colonos. Após vários choques armados com os brancos e ingentes esforços da FUNAI para conseguir garantir seu território, foi feita a demarcação da área, em 1976. As invasões recomeçaram, porém, e em 1979 a área ocupada pelos colonos atingia 20.000 hectares, 10% portanto da área. Os protestos dos Suruí eram contínuos e em 1980 atacaram cerca de 40 novos colonos, conseguindo expulsá-los, sem matar ninguém.

Em 1981, todos os colonos foram retirados pelo Governo e os que conseguiram residência na área, aproximadamente 80 famílias, receberam terras em outros projetos do INCRA, caso único na história da defesa de terras indígenas. Restaram apenas 3 famílias que se recusaram a sair. Em setembro de 1981, os Suruí organizaram uma expedição para expulsá-los. No caminho, encontraram 2 jovens colonos que não faziam parte das 3 famílias, mas perambulavam pelas matas Suruí e aí pretendiam vir morar. Na sanha guerreira, os Suruí acabaram por matá-los a flechadas e pauladas. Pouco depois do episódio, o governo retirou as 3 famílias. Desde então, há grande animosidade contra os Suruí na cidade próxima.

Em relação ao problema de terras, outro fato deve ser considerado um vitória da FUNAI: foi conseguir trazer para a área, em 1977, o grupo de cerca de 80 Suruí que hoje vive na aldeia da Linha 14 e se

encontrava então na Vila de Espigão do Oste, em péssimas condições de saúde e sem terra.

A retirada dos colonos em 1981 trouxe um novo sopro para a vida econômica Suruí, pois passaram a ocupar parte das plantações de café abandonadas pelos colonos e a cultivá-las com a intenção de vender café no mercado. O curioso é que a ocupação do território recuperado se deu de acordo com as regras tradicionais de cooperação no trabalho baseadas no parentesco e, em 1981, estava a exploração do café sendo feita de forma bastante autônoma e independente da FUNAI.

A retirada dos colonos e a defesa do território podem ser considerados um dos pontos fortes da atuação da FUNAI na área. Resta, porém, a preocupação com as pressões que sofrerão os Suruí diante do enorme índice de imigração da Rondônia, não se imaginando como tarefa fácil, para a FUNAI e para os índios, impedir futuras invasões nos próximos anos.

O Problema Econômico

No quadro econômico da Rondônia, é impossível imaginar uma vida tribal isolada tal como, de certa forma, foi viável manter por muitos e muitos anos no Parque Nacional do Xingu. Vizinhos dos colonos e indo com freqüência a Cacoal, os Suruí cobiçam todos os bens que vêem os civilizados consumirem. Hoje todos usam roupa, têm armas de fogo, necessitam instrumentos de trabalho para a roça e querem objetos como lanternas, anzóis, sabão, facas, pilhas etc.. Começam a comprar alguns alimentos, como açúcar e farinha de trigo.

Têm, assim, necessidade de dinheiro para fazer compras. No início do contato a FUNAI lhes dava todos os bens necessários como presentes, um canal para fazer a paz e selar amizade. Hoje, quando os índios deixaram de atacar e ser perigosos, os recursos orçamentários para esse fim são muito reduzidos. A FUNAI procura então organizar o trabalho indígena e as trocas, orientando os índios para produzirem artesanato e se dedicarem a atividades voltadas para o mercado, portanto para trocas comerciais capitalistas.

A renda monetária é obtida através de borracha e caucho que os Suruí extraem na floresta, de pequenas plantações de café e de venda de artesanato. A comercialização é feita com auxílio da FUNAI.

Essa passagem da economia tribal para atividades capitalistas é um problema complexo que põe em questão todas as decisões a serem tomadas

para manter a vida tribal, a cultura e os valores indígenas. Defender os interesses indígenas significa reforçar o lado tribal; significa também estimular a comunidade a decidir o próprio destino e a se manter como comunidade. Ao mesmo tempo é preciso reconhecer que os índios devem ter formas de sobrevivência econômica que exigem dinheiro e atividades mercantis, formas essas muito distintas das tradicionais. A ação da FUNAI é delicada: na sua tarefa de "proteger" a comunidade e orientá-la no contato com o sistema econômico envolvente, corre o risco de uma interferência que, na verdade, apressa as relações capitalistas que se deseja evitar. Assim, ao orientar a produção, ao fazer os índios trabalharem para vender no mercado, estão sendo criadas relações de trabalho semelhantes às de uma empresa, dirigindo o trabalho indígena e desorganizando a vida econômica comunitária.

A economia voltada para o mercado, de toda forma, altera profundamente a vida tribal. Mais horas são dedicadas ao trabalho para ganhar dinheiro e sobra pouco tempo para os passeios e festas. Os gastos de consumo ficam mais individualizados, as tradições e atividades comunitárias passam para segundo plano. A organização do trabalho e as trocas para obter dinheiro são totalmente distintas da organização econômica tribal.

Entre os Suruí há, como na maior parte dos Postos da FUNAI, a formação de roças sob a orientação dos chefes de Posto, onde alguns índios trabalham. Essas roças fornecem alimentos aos funcionários da FUNAI e à tribo. Por enquanto, suas dimensões são pequenas, e a economia tribal, com cooperação baseada no parentesco, vai sobrevivendo paralelamente à dirigida pelo Posto. Se a FUNAI obtiver mais recursos para projetos econômicos nas áreas, a alteração na vida tribal pode se tornar enorme. Seria interessante manter uma separação entre a economia do posto e a tribal, para resguardar o mais possível a autonomia do grupo. Isso, porém, no quadro político e ideológico do Brasil, é muito difícil.

Para nós, fica a indagação sobre que forma de comunidade os Suruí serão no futuro, o que os unirá, até que ponto estarão mantidas as formas tradicionais de organização econômica, que autonomia terão em relação à FUNAI. Por outro lado, como grupo, estão aprendendo a sobreviver em meio ao capitalismo, com privilégios em relação a grande parte dos brasileiros.

O Problema de Saúde

A FUNAI conta com enfermeiros nos dois Postos Suruí e promove a visita periódica de médicos e um dentista. Há também assistência médica e dentária em Cacoal, por parte de profissionais contratados pela

FUNAI, sendo usado um hospital particular local. Todas as vacinas estão sendo dadas regularmente à população (sarampo, tríplice, Sabin, anti-tetânica, ocasionalmente febre-amarela). Há um controle periódico dos casos suspeitos de tuberculose e a maior parte dos casos tem sido tratada com sucesso.

A assistência médica e dentária é, assim, muito superior à da população local de brasileiros. Mesmo assim persistem doenças de pele, verminoses, gripes fortes, pneumonias, alguns casos de tuberculose e malária, e muitas mortes de recém-nascidos. No último ano o registro de nascimentos, mortes e vacinações tem melhorado; o das doenças continua precário. Houve mais recursos para transporte aéreo e terrestre, o que salvou muitas vidas. O difícil é encontrar para as áreas indígenas ou brasileiros em geral formas de medicicna preventiva adequada, capazes de sanar esse quadro em que a doença é uma ameaça permanente e assustadora.

A alimentação parece farta aos olhos de um leigo em biologia ou medicina. Seria preciso um estudo mais específico para identificar possível subnutrição ou sub-alimentação em certas faixas de idade e verificar os efeitos da enorme alteração no padrão alimentar que vai surgindo com os hábitos de consumo dos civilizados. t

A população vem crescendo ligeiramente, como mostram os dados:

ALDEIA SETE DE SETEMBRO E LINHA 14

					Total de habitantes	Não Suruí
1974	170		—			
1976	173		—			
1979 (Set.)	175		92		267	
1980 (Ago.)	202	(12 não Suruí)	89	(20 não Suruí)	291	32
1981 (Jan.)	207	(12 não Suruí)	101	(19 não Suruí)	308	21
1981 (Out.)	232	(14 não Suruí)	90	(13 não Suruí)	322	27

Fonte: os dados de 74 e 76 são os de William e Carolyn Bontkes e os seguintes do meu próprio levantamento.

De acordo com os dados que observei, a natalidade e mortalidade são altas:

ALDEIA SETE DE SETEMBRO

1979	8	2 crianças com 1 dia 1 criança de 2 anos
1980	24 nascidos vivos 1 natimorto	7 até 8 meses de idade 1 velho
1981 (até Out)	13	1 criança de 2 anos

LINHA 14

1979	3	2 velhos, 1 criança de 2 e 1 de 6 anos
1980	4	
1981	4	1 criança de 5 anos

SETE DE SETEMBRO E LINHA 14

	Nascimentos	Mortes	População Total
1979	11	3	291 (Set.)
1980	28	12	308 (Ago.)
1981 (até Out.)	17	2	322 (Out.)

PERSPECTIVAS PARA O GRUPO SURUÍ

Os Suruí são um grupo reivindicativo, buscando afirmar-se nas relações com a FUNAI, até por vezes de forma agressiva. Contam com vários chefes capazes de mobilizar o grupo em defesa das terras ou outros interesses. Estão sujeitos aos mesmos problemas comuns a tantos outros índios, como resultado da forma de contato a que foram submetidos. Assim, passaram do paternalismo da conquista, dos muitos presentes recebidos, das mortes súbitas, a uma incompreensão de como funciona a sociedade brasileira, a relações com os brancos sempre mediadas pela FUNAI. A expressão política indígena no Brasil ainda é nascente e só nos últimos 2 anos formaram-se as primeiras uniões indígenas nacionais, e isto no quadro de um regime autoritário como o brasileiro. Os Suruí têm se organizado para defender a própria terra, mas ainda não participaram de reuniões mais amplas com outros líderes indígenas, o que seria um primeiro passo para o aprendizado da política, um primeiro caminho para fazer sua voz ouvida. E num estado como a Rondônia, não contam com grandes exemplos de organização política dos que não são índios.

O que serão no futuro como comunidade é uma incógnita. Estão num momento muito especial de persistência de vida tribal e entrada no capitalismo, agora que a rodovia Cuiabá-Porto Velho, que lhes fica tão próxima, será asfaltada com recursos do Banco Mundial, trazendo

ondas de migrantes e transformação econômica para a região. Com a vitalidade e coragem que os caracterizam, de que resistência serão capazes e com que olhos verão o Brasil em volta?

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org